

# Desemprego deverá aumentar a partir de janeiro

**SÃO PAULO** - O baixo ritmo de crescimento esperado para 1998 deve ter impacto bastante negativo sobre o nível de emprego. O economista Márcio Pochmann, diretor do Centro de Estudos Sindicais e da Economia do Trabalho (Cesit), avalia que o impacto pode alcançar três a quatro pontos percentuais nas taxas de desemprego nos primeiros seis meses de 98.

A taxa do IBGE, que deve encerrar o ano próxima a 6%, poderá variar entre

9% e 10% e a da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da Fundação Seade e Dieese, que está em 16,5%, poderá chegar perto de 20%. Quando a economia voltar a crescer, as taxas podem arrefecer, diz Pochmann.

A economia brasileira evoluiu de um crescimento de 2,7% em 1996 para 3,5% em 1997 e não foi capaz de criar novos postos de trabalho. Mesmo com este ritmo de crescimento, a taxa de desemprego aumentou, tanto pelas estatísticas do

IBGE quanto pela série da PED, da Fundação Seade e Dieese.

"Há uma relação direta entre crescimento do PIB e nível de emprego", diz o economista da Unicamp. O quadro da economia vai ser bastante recessivo no começo do ano, explica: as pessoas vão estar mais endividadas, o gasto público vai estar contido, o nível de encomendas do comércio para a indústria tende a ser fraco.

**Recessão** - "Vai ser um período muito difícil", avalia. O PIB do ano deve sair

dos 3,5% de 1998 para encerrar com uma taxa próxima a 1,3%, diz ele. "Mas no final do primeiro semestre o crescimento será negativo, com uma taxa próxima a 2%", observa, lembrando que estas são projeções comuns no mercado. No segundo semestre, a economia volta a crescer e pode alcançar uma taxa de 3% na comparação com o segundo semestre de 1997.

O diretor-executivo do Dieese, Sérgio Mendonça, evita fazer projeções para as taxas de desemprego, mas estima que o

ano de 1998 será pior para o emprego do que 1997. Ele pondera que não dá para extrapolar a situação da indústria automobilística (muito dependente de crédito) para outros setores. "No primeiro trimestre, a situação tende a se agravar, mas depois o Governo vai agir para reverter o quadro negativo, aumentando crédito e reduzindo juros", avalia Mendonça.

A decisão anunciada pela Volkswagen - de reduzir salário e jornada ou fazer demissões - pode influenciar outras

empresas, mas Mendonça não vê a possibilidade de um grande efeito dominó. "As pressões vão aumentar e podemos ver um quadro parecido com o de 1990, quando muitas companhias fizeram propostas semelhantes", diz o diretor do Dieese. "Mas nem todos os setores devem seguir nessa direção", observa. O diretor do Dieese considera otimista a projeção de que setores ligados à exportação vão aumentar vendas no exterior no próximo ano.